

Desafios na conservação das Tartarugas Marinhas nos países lusófonos: procurando soluções no turismo *Challenges in the Conservation of marine turtles in Portuguese speaking countries: searching for solutions in tourism*

Joana M. Hancock. Associação para a Proteção, Conservação e Pesquisa das Tartarugas Marinhas nos Países Lusófonos (Cabo Verde e São Tomé e Príncipe)

Resumo

A grande procura de destinos turísticos balneares, assim como a crescente procura de atividades turísticas marinhas tem aumentado a pressão colocada sobre a zona costeira. Sendo “espécies bandeiras”, e animais bastante carismáticos, as tartarugas marinhas são frequentemente promovidas como atração turística, sendo usadas para transmitir aos públicos-alvo a necessidade da sua conservação, e dos habitats de que dependem. Este artigo faz uma reflexão sobre o impacto do turismo na conservação das tartarugas marinhas, olhando particularmente para casos em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, chamando a atenção para a necessidade de promover e gerir o turismo nas zonas costeiras, de modo a minimizar o seu impacto no ambiente e comunidades, e reduzir os conflitos entre estas e os programas de conservação.

Astract

The increasing demand for beachfront destinations and activities has put much pressure on the coastal areas. As flagship species, and therefore charismatic, marine turtles are frequently promoted as tourist attraction, being also used to pass on to target groups the knowledge of the need of protecting them, as well as the habitats upon which they depend. This article will make discuss the impact of tourism in the conservation of these animals, looking particularly at cases in Cape Verde and São Tomé and Príncipe, drawing the attention to the need of promoting and manage tourism in the coastal areas, in such a way that its impacts in the environment and local communities is minimized, and thus conflicts with conservation projects are reduced.

Palabras chave

Tartarugas Marinhas, turismo solidário, turismo em massa, sensibilização ambiental, desenvolvimento comunitário

Key-words

Marine turtles, ecovolunteering, mass tourism, environmental awareness, community development

Introdução

A grande procura de destinos turísticos balneares, assim como a crescente procura de atividades turísticas marinhas tem aumentado a pressão colocada sobre a zona costeira. Como todos os ecossistemas naturais, os ecossistemas costeiros e marinhos são altamente dinâmicos e atividades que possam vir a interferir com o sistema natural podem ter impactos a longo prazo em termos de estabilidade do sistema¹.

De um modo geral, os impactos do turismo podem ser divididos em 3 áreas: 1) económica, 2) socio-cultural e 3) ambiental², sendo que estes impactos podem ser positivos ou negativos. Para que o turismo seja sustentável, os benefícios económicos, socio-culturais e ambientais devem ser maximizados, enquanto seus impactos negativos devem ser minimizados³. Mas nem sempre esses objectivos são alcançados, pondo em causa a existência dos recursos dos quais o turismo depende⁴. Assim, é vulgar

que o turismo seja um tema controverso^{5,6}, sendo mais comum encontrar referências ao impacto negativo da indústria do turismo sobre o meio ambiente do que aqueles estudos que examinam o efeitos benéficos que o turismo pode ter sobre o ambiente e os turistas.

Neste artigo veremos alguns exemplos concretos em que o turismo, nas suas diferentes vertentes, afecta a conservação das espécies marinhas, com particular enfoque nas tartarugas marinhas, analisando casos específicos em Cabo Verde, e São Tomé e Príncipe, dois países lusófonos insulares, de características sócio-económicas similares, e onde ocorrem importantes populações de tartarugas marinhas.

As tartarugas marinhas: a conservação de um recurso valioso

Por milénios, os seres humanos têm capturado as tartarugas marinhas e têm benefi-

1 HALL, C.M. (2001): "Trends in ocean and coastal tourism: The end of the last frontier?", em *Ocean and Coastal Management*, (44), 601 – 618.

2 HALL, C.M & LEW, A. (2009): "Understanding and Managing Tourism Impacts: An Integrated Approach". London: Routledge.

3 UNWTO (2004): "Indicators of Sustainable Development for Tourism Destinations: A Guidebook". Madrid: World Tourism Organisation.

4 BALMFORD, A., BRUNER, A., COOPER, P., e outros (2002): "Economic Reasons for Conserving Wild Nature", em *Science* (297): 950-953.

5 MILLER, M.L. & AUYONG, J. (1998): "Proceedings of the 1996 World Congress on Coastal and Marine Tourism". (19-22 June 1996, Honolulu, Hawaii, USA). Seattle, WA: Washington Sea Grant Program and the School of Marine Affairs, University of Washington and Oregon Sea Grant College Program, Oregon State University. 386pp.

6 MILLER, M. & KAAE, B.C. (1993): "Coastal and Marine Ecotourism: A Formula for Sustainable Development?", em *TRENDS*, (30:2), 35-41.

ciado da sua utilização, incorporando essa prática nas suas culturas⁷⁻⁸. Exemplos de uso para consumo direto ou transformação incluem carne de tartaruga e ovos como alimento; óleo para medicamentos, combustível para lâmpadas e calafetagem de barcos; cabedal para roupas e acessórios; carapaças e escudos para vários adornos; animais inteiros embalsamados como objetos antigos e decorativos; e várias partes do corpo para isca de pesca, ração de animais domésticos e fertilizante⁹. No Oceano Atlântico, tanto em Cabo Verde como em São Tomé e Príncipe, os registos históricos e estudos recentes indicam uma forte pressão humana, especialmente em forma de captura para consumo, tanto nas praias de desova como as áreas de alimentação¹⁰⁻¹¹ (Foto 1).



Foto 1: Vendedoras de Peixe (Palaiês) no mercado de São Tomé, mostra com orgulho carne de tartaruga de caco, uma espécie em perigo crítico de extinção, vendida de modo legal nesta ilha, gerando importantes rendimentos para vários sectores da sociedade (Foto: Joana Hancock).

Em geral, tem havido uma tendência clara para a sobre-exploração das espécies marinhas, talvez porque muitas, incluindo as tartarugas, têm sido consideradas muitas vezes como espécies “à prova de extinção” (ou seja, não é possível tornarem-se extintas) porque é assumido que estas ocupam imensas escalas geográficas, têm populações enormes, têm longa distância de dispersão e uma fecundidade espantosa¹². No entanto, estas características só fazem tais espécies mais propensas à extinção. As populações de tartarugas marinhas só podem sobreviver quando as suas populações mantêm taxas de sobrevivência suficientes em todas as fases de

7 THORBJARNARSON, J., LAGUEUX, C.J., BOLZE, D., e outros (2000): “Human use of turtles: a worldwide perspective”, em M. W. Klemens (Editor), *Turtle Conservation*. Smithsonian Institution Press, Washington, D.C, pp. 33-84.

8 FRAZIER, J. (2003): “Prehistoric and ancient historic interactions between humans and marine turtles”, em *Biology of Sea Turtles*, Volume II. Lutz, P.L., Musick, J.A., Wyneken, J. (eds.) CRC Press, Boca Raton, pp. 1-38.

9 WITHERINGTON, B. E. & FRAZER, N.B. (2003): “Social and economic aspects of sea turtle conservation”, em P. Lutz, J. Musick & J. Wyneken (Eds.) *The Biology of Sea Turtles II*. CRC Press. Boca Raton, FL. pp. 347-375.

10 GRAFF, D. (1996): “Sea Turtle Nesting and Utilization Survey in São Tomé”, em *Marine Turtle Newsletter*, (75), 8-12.

11 LOUREIRO N.S., & TORRÃO, M.M.F. (2008): “Homens e tartarugas marinhas: Seis séculos de história e histórias nas ilhas de Cabo Verde”, em *Anais de História de Além-mar*, (9), 37-78.

12 MYERS R.A. & OTTENSMEYER, C.A. (2005): “Extinction risk in marine species” em Norse EA, Crowder LB (ed) *Marine Conservation Biology: the Science of Maintaining the Sea’s Biodiversity* Island Press, Washington, DC, pp 58-79.

vida¹³⁻¹⁴. Portanto, para os projetos de conservação serem bem sucedidos devem não só minimizar a exploração dos indivíduos, mas também assegurar a proteção dos habitats de que estes dependem. Em termos gerais, as ações desenvolvidas pelos governos nacionais e regionais centraram-se na implementação de um quadro jurídico para a proteção de tartarugas marinhas em paralelo com atividades de proteção nas praias de nidificação, normalmente implementadas por Organizações Não Governamentais (ONGs) locais e internacionais, que têm além disso a responsabilidade de criar campanhas de sensibilização para motivar os consumidores a mudarem os seus comportamentos em relação ao consumo de produtos da tartaruga marinhas.

As tartarugas como atração turística – Uma aposta ganha na conservação?

Sendo “espécies bandeiras”, e animais bastante carismáticos, as tartarugas ma-

13 LUTCAVAGE, M.E., PLOTKIN, P.T., WITHERINGTON, B., & LUTZ, P.L. (1997): “Human impacts on sea turtle survival”, em Lutz, P. & Musick, J. (eds) *The biology of sea turtles*. CRC Press, Boca Raton, Florida, p 387–410.

14 MORTIMER, J. A. (2000): “Sea turtle conservation programmes: Factors determining success or failure”, em Salm, R.V., Clark, J.R., & Siirila, E. *Marine and Coastal Protected Areas : A guide for planners and managers*. IUCN. Washington, D.C. p 327-333.

rinhas são frequentemente promovidas como atração turística, enquanto que por si só, despertam bastante interesse; assim não é de estranhar que muitas pessoas viajem com a intenção de ver e interagir com estas espécies. Também pelas razões acima descritas, estas espécies são frequentemente usadas para transmitir aos públicos alvo a necessidade da sua conservação, e dos habitats de que dependem, usando como meio de comunicação as atividades turísticas. Assim, a conservação destes animais e o desenvolvimento turístico têm andado quase de mãos dadas um pouco por todo o mundo, estando bem documentado o potencial impacto económico da atividade turística nas comunidades locais que outrora dependiam das tartarugas como recurso económico¹⁵.

Não são só os benefícios económicos que fazem a diferença na conservação; o turismo, quando controlado adequadamente, pode ajudar a aumentar a sensibilização do público, contribuir para manter as espécies e seus habitats, para atrair e satisfazer turistas, gerar financiamento para a ciência da conservação e, às vezes, pode fornecer mão de obra para os esforços de conservação. Assim, é do interesse dos governos e das ONGs’ promover atividades relacionadas com o turismo. Neste contexto, pretendo fazer uma reflexão so-

15 TROËNG, S. & DREWS C. (2004): “Money Talks: Economic Aspects of Marine Turtle Use and Conservation”, WWF-International, Gland, Switzerland.

bre o impacto do turismo na conservação das tartarugas marinhas, olhando particularmente para casos em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

CASO 1: O Turtle Watching e o desenvolvimento local

É quase a regra que turistas que já tenham estado em contacto prévio com tartarugas marinhas classifiquem a experiência de positiva ou muito positiva, e a maioria diga que gostaria de repetir a experiência (Foto 2). Várias atividades podem ser desenvolvidas para atrair turistas, desde mergulho recreativo, libertação de filhotes, centros de visitantes, e observação das desova das fêmeas nas praias, e estas atividades são desenvolvidas em diferentes escalas em todos os locais onde as tartarugas marinhas ocorrem. A atividade que invari-



Foto 2: Turistas com tartaruga cabeçuda juvenil (*Caretta caretta*), resgatada pelas autoridades de um local onde estava a ser guardada em cativeiro ilegalmente, a ser devolvida ao mar numa actividade de sensibilização na ilha da Boavista, Cabo Verde, levada a cabo pela Turtle Foundation (Fotos: Joana Hancock).

avelmente causa mais emoção é a de turtle-watching (neste caso considera-se apenas observação da desova nas praias à noite).

Normalmente, são vários os beneficiários da atividade de turtle-watching: os operadores turísticos, funcionários dos hotéis, guias locais, empresas de aluguer de carros, centros de comércio, lojas de souvenirs, entre outros¹⁶. Na ilha da Boavista, esta atividade é realizada desde 1998, e gera anualmente receitas brutas de pelo menos 100,000 Euros. Segundo a agência Naturália, atualmente a única detentora da licença para realizar este tipo de excursões, esta reinveste cerca de um terço dos seus rendimentos nas comunidades, ao contratar serviços locais de transporte, salários de guias e assistentes, e em artesanato local, e outro terço no financiamento da ONG parceira Natura 2000, para implementação do seu programa de conservação de tartarugas marinhas¹⁷.

Apesar dos benefícios apontados no seu relatório anual e mencionados acima, os rendimentos brutos desta atividade são quase exclusivamente para benefício da única companhia que detém autorização do governo para conduzir atividades de turtle

16 TISDELL, C. & WILSON, C. (2001a): "Wildlife-based tourism and increased support for nature conservation financially and otherwise: evidence from sea turtle ecotourism at Mon Repos", em *Tourism Economics*, (7), 233-249.

17 LOPÉZ-SUAREZ, P. (2010): "Relatório das Excursões de Tartarugas Marinhas", Naturália, Cabo Verde.

watching. Apesar do interesse de outras companhias, uma lacuna na legislação para o trabalho com espécies protegidas previne estas companhias de obter as licenças relevantes. Assim, a empresa tem recebido fortes críticas das comunidades locais por suposta monopolização da atividade, falta de esforço em integrar moradores locais no desenvolvimento das atividades do projeto e reduzido benefício direto da proteção das tartarugas marinhas nas comunidades locais. Possivelmente este descontentamento é o resultado da falha na comunicação dos benefícios gerados (tanto a Naturalia como a ONG Natura 2000 contribuem cada ano para projetos de desenvolvimento social), mas sem as comunidades testemunharem benefícios, a captura de tartarugas marinhas irá certamente continuar, como noutros casos¹⁸. Na Boavista, a substituição da captura de tartarugas marinhas pela atividade do turtle-watching ainda está longe de compensar as comunidades e os pescadores que dependem da receita da venda de carne de tartaruga, e assim a captura destes animais ainda é comum, apesar da sua proibição total¹⁹.

18 SENKO, J., SCHNELLER, A.J., SOLIS, J., OLLERVIDES, F. & NICHOLS, W.J. (2011): "People helping turtles, turtles helping people: Understanding resident attitudes towards sea turtle conservation and opportunities for enhanced community participation in Bahia Magdalena, Mexico", em *Ocean & Coastal Management*, (54), 148-157.

19 HANCOCK, J.M. (2011): "Drivers to the illegal trade of sea turtle products in Cape Verde – Are we taking the right approach?" M.Sc. Thesis. Centre for Ecology and Evolution, University of Exeter, United Kingdom

CASO 2: O turismo solidário e os projetos de conservação

Semelhante ao ramo abrangente de ecoturismo, o turismo solidário surge como uma alternativa ao turismo regular, permitindo que o turista participe ativamente na conservação de um recurso ou no desenvolvimento comunitário, contribuindo com o seu trabalho voluntário e recursos, permitindo não só gerar rendimento aos projetos e comunidades costeiras, mas também de gerar empregos nestas comunidades e apoiar os esforços de conservação²⁰.

Em geral, os programas de voluntariado permitem uma experiência educativa com uma vertente ecológico-social, permitindo aos voluntários participar em primeira mão nas atividades dos projetos, interagir diretamente com a fauna, e regressar a casa com uma maior consciência dos objetivos do projeto de conservação²¹⁻²². Além disso, este tipo de interação é uma vivência extraordinária e única e que por

20 TROËNG, S. & DREWS C. (2004): "Money Talks: Economic Aspects of Marine Turtle Use and Conservation", WWF-International, Gland, Switzerland.

21 CAMPBELL, L.M. & SMITH, C. (2006): "What makes them pay? Values of volunteer tourists working for sea turtle conservation", em *Environmental Management*, (38), 84-98.

22 BRIGHTSMITH, D.J., STRONZA, K., & HALL, K. (2008): "Ecotourism, conservation biology, and volunteer tourism: a mutually beneficial triumvirate", em *Biology Conservation*, (141), 2832-2842.

isso tende a ser individualmente valorizada. Os benefícios são evidentes e recíprocos; a interação entre os turistas e os moradores de uma comunidade de destino expõe-os ambos a novas informações, línguas e estilos de vida. Além disso, os turistas têm a oportunidade de aprender sobre o património histórico e cultural do lugar que estão a visitar. Na ilha da Boavista, em Cabo Verde, a estadia de voluntários internacionais nas comunidades locais ou acampamentos, e o seu contacto com os moradores tem despertado o interesse destes e de jovens de outras ilhas na participação nas atividades de conservação, enquanto que o dinheiro gerado pelo programa de voluntariado é um aporte significativo de rendimento para o projeto, permitindo a contratação de pessoas das comunidades locais, aumento da compra de bens e serviços a nível local, gerando assim emprego e rendimento adicionais (pers. obs.) (Foto 3).

CASO 3: A massificação do turismo nas áreas de desova

O turismo costeiro é uma das principais ameaças às tartarugas marinhas, causando impactos como a perda ou redução da qualidade das zonas de desova, introduzindo uma variedade de distúrbios e obstáculos às fêmeas reprodutoras e às tartaruginhas. O desenvolvimento das zonas costeiras também leva a um aumento da



Foto 3: Voluntários internacionais e locais unem esforços na ilha da Boavista em Cabo Verde, para apoiar as iniciativas de conservação promovidas pelas ONGs e Forças Armadas, criando laços que se mantêm ao longo dos anos, derivados daquelas que foram experiências únicas de confraternização e intercâmbio cultural. (Foto: Joana Hancock)

atividade humana nas praias, principalmente à noite. A presença de pessoas na praia pode resultar em tentativas de desova falhadas, escolha de praias menos adequadas, mas com menos distúrbios, ou até mesmo aborto dos ovos²³.

No caso concreto das ilhas do Sal e Boavista, em Cabo Verde, o desenvolvimento do sector turístico irá certamente aumentar, sendo que a conservação das tartarugas marinhas e do meio ambiente em geral terá de acompanhar o desenvolvimento desenfreado destas ilhas, onde a preferência está a ser dada a projetos de gran-

23 TISDELL, C. & WILSON, C. (2005): "Does Tourism Contribute to Sea Turtle conservation? Is the flagship status of Turtles advantageous?", em *Mast*, (4:1), 145-167.



Foto 4: Tartaruga cabeçuda a desovar naquela antes era uma das mais importantes praias de desova desta espécie (Lacacão, ilha da Boavista, Cabo Verde), e que será nas próximas décadas a praia mais desenvolvida de Cabo Verde, na ilha da Boavista (Foto Joana Hancock)

de escala e de turismo em massa²⁴ (Foto 4). Este tipo de turismo é considerado a forma menos sustentável desta atividade, sendo caracterizado por uma alta concentração de turistas numa determinada região, e normalmente associado a uma natureza materialista, e a uma ignorância e insensibilidade das pessoas que viajam em grupos²⁵. Além disso, o elevado número de turistas tende a limitar a capacidade

24 MITCHELL, J. (2008): "Tourist Development in Cape Verde: The policy challenge of coping with success". Overseas Development Institute.

25 MILLER, M.L. & AUYONG, J. (1998) Proceedings of the 1996 World Congress on Coastal and Marine Tourism. (19-22 June 1996, Honolulu, Hawaii, USA). Seattle, WA: Washington Sea Grant Program and the School of Marine Affairs, University of Washington and Oregon Sea Grant College Program, Oregon State University. 386pp.

de gerir eficazmente as pressões ambientais e sociais (ou seja: o uso excessivo de transporte local, comida, água, eletricidade, etc.).

Neste caso, vamos concentrar-nos nos impactos das construções hoteleiras nas tartarugas marinhas que desovam nas ilhas do Sal e da Boavista. Estes estão bem documentados pelas ONGs locais; segundo Taylor & Cozens, na ilha do Sal, os estaleiros de construção, hotéis, blocos de apartamentos e restaurantes perto das praias, a iluminação intensa e a remoção ilegal de areias têm vindo a contribuir para um acentuado decréscimo no número total de tartarugas em algumas praias²⁶. Na Boavista, resultados semelhantes foram documentados pelas ONGs locais Turtle Foundation e Natura 2000, assim como a imprensa local, que denunciaram além dos impactos referidos acima, um aumento na captura das tartarugas marinhas pelos construtores e trabalhadores dos hotéis. No jornal local de Cabo Verde, um leitor comenta a situação dando voz a sentimento generalizado dos moradores da ilha, dizendo: "não se compreende... estamos a destruir tudo aquilo que nos torna atrativos, que caracteriza a nossa ilha [Boavista], etc. Resumindo e concluindo, se

26 TAYLOR, H. & COZENS, J. (2010) "The effects of tourism, beachfront development and increased light pollution on nesting Loggerhead turtles *Caretta caretta* (Linnaeus, 1758) on Sal, Cape Verde Islands", em *Zoologia Caboverdiana*, (1:2), 100-111.

queremos um “turismo de qualidade e alto valor acrescentado” é bom que acordemos, pois, estamos no caminho oposto!” (Carlos Morais, Bofareira)²⁷.

Enquanto que as construções nas zonas costeiras podem ter os seus impactos significativamente reduzidos ao adotar políticas ambientais e de construção de modo “turtle-friendly”, talvez o fator mais limitante do impacto positivo deste tipo de turismo massificado seja a desinformação que muitas vezes acompanha os turistas sobre a influência que a sua escolha de férias provoca na conservação. Num estudo realizado na ilha da Boavista junto dos turistas de uma das principais cadeias hoteleiras, foi avaliado o conhecimento prévio destes sobre as tartarugas marinhas da ilha. Pouco mais de metade dos entrevistados sabia que desovavam tartarugas na ilha, apenas um terço destes identificava qual a espécie que utilizava as praias, apesar desta ser a terceira zona mais importante do mundo para a espécie *Caretta caretta*, e ainda menos tinha conhecimento de que o hotel onde estavam hospedados estava construído e era prejudicial para uma das principais praias de desova da ilha²⁸.

27 <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/pt/noticias/go/ambiente--ecoturismo-pode-salvar-tartarugas-e-desenvolver-cabo-verde>, Expresso das Ilhas Online, 19/10/2010

28 SCOTT, H. (2011) “Tourism Perceptions of marine turtle conservation needs in a major nesting beach in Boavista island, Cape Verde”. Dissertation.

Apesar disso, este estudo indica que os turistas assumem uma atitude positiva relativamente à conservação das tartarugas marinhas, e admitem assumir comportamentos mais adequados para minimizar o impacto da sua presença nas praias de desova. A importância dos turistas não deve ser menosprezada; a maioria dos entrevistados era da opinião de que os hotéis e empresas de turismo devem assumir a responsabilidade dos impactos ambientais do turismo na ilha, devendo contribuir para o financiamento de conservação local. Uma esmagadora maioria afirmou que se soubessem que o hotel onde ficavam tinha um impacto negativo na sobrevivência das tartarugas marinhas, teriam escolhido outro hotel. A grande maioria dos inquiridos neste estudo estavam dispostos a adotar medidas de conservação, incluindo manter as luzes dos seus quartos apagadas à noite, ou não conduzir veículos motorizados nas praias, enquanto que mais de 2/3 faria pressão junto ao hotel para assumir uma política ambiental mais responsável. Depois de receber a informação, pelo menos metade afirmou partilhar a informação com outras pessoas. Estes resultados são animadores, e chamam a atenção para o potencial impacto positivo que o envolvimento dos turistas nos planos de conservação das tartarugas marinhas pode ter²⁹.

29 BALLANTYNE, R., PACKER, J. & HUGHES, K. (2009): “Tourists’ support for conservation messages and sustainable management practices in wildlife tourism experiences” em *Tourism Management*, (30): 658-664.

É então essencial sensibilizar os turistas sobre as ameaças que as tartarugas marinhas enfrentam, para também fomentar a sua participação e contribuição ativa na conservação, e incentivar valores e ações em favor da conservação.

O Turismo, é afinal benção ou maldição?

Em locais de importante nidificação e com uma atividade turística desenvolvida, como as ilhas da Boavista e Sal em Cabo Verde, e em São Tomé e Príncipe, a oportunidade de gerar rendimento alternativo pode mesmo residir na utilização de tartarugas marinhas como uma atração turística^{30,31,32}. Mas se a captura de tartarugas marinhas para consumo continuar,

30 MERINO, S.E. & BERROW, S. (2006): "Marine eco-tourism in Cape Verde: its potential for sustainable development and conservation of marine biodiversity", em *Irish Biogeographical Society*, (9), 199-206.

31 LÓPEZ-JURADO, L.F. (2000): "Proposals for the conservation of marine turtles on the island of Boavista (Republic of Cabo Verde, Western Africa)", em *Proceedings of the Nineteenth Annual Symposium on Sea Turtle Biology and Conservation*. NOAA Technical Memorandum NMFS-SEFSC-443, 204-205.

32 LOUREIRO, N.S., CARVALHO, H., SARDINHA, L. & MATOS, D. (2010): "Turtle Watching na ilha do Príncipe. Realidades e potencialidades", em Brito, B. R. (Coord) (2010) *Turismo, Potencialidades, constrangimentos e impactos* (Livro de Actas). Fundação para a Ciência e Tecnologia. Lisboa, 60pp.

a diminuição do número destes animais, assim como a "má imagem" que o país deixa, irá muito provavelmente por em causa a possibilidade de promover a atividade turística ao redor destes animais³³. Por exemplo, nas Maldivas a pressão do sector do turismo foi fundamental para conseguir uma proibição do comércio de produtos de tartarugas marinhas³⁴, sendo que o país cedeu à pressão para evitar a má imagem causada nos turistas, descontentes com a matança indiscriminada das tartarugas marinhas. Em Cabo Verde, a tartaruga marinha foi promovida como património natural das ilhas, e é o símbolo da ilha da Boavista e a sua captura e consumo é proibida por lei.

Mas este tipo de medidas de conservação "top-down" são pouco populares, pois os benefícios tardam em ser observados, afetando diretamente a economia das famílias, ameaçando a sua subsistência e bem-estar. No caso de São Tomé e Príncipe, a implementação de uma lei de proibição da captura de tartarugas marinhas será muito provavelmente ineficaz a curto e médio prazo, e será recebida com muita resistência, uma vez que o sector do turismo ainda não está bem desenvolvido, e não é, ainda, uma opção viável. A inviabilidade do turismo passa por alguns fato-

33 TROËNG, S. & DREWS C. (2004): "Money Talks: Economic Aspects of Marine Turtle Use and Conservation", WWF-International, Gland, Switzerland.

34 Idem

res inerentes à atividade; é importante observar que a variação no clima e atrações temporais, tais como as tartarugas (que frequentam as praias de desova apenas alguns meses por ano) podem determinar o tempo que as pessoas tendem a viajar. As comunidades de acolhimento tendem a ver um padrão de emprego e desenvolvimento de negócios locais inconsistente, variável e frágil³⁵. Uma dependência do turismo pode causar tensões económicas nas comunidades costeiras durante os tempos em que a visita de turistas é baixa. Além disso, os benefícios económicos do turismo tendem a ser reservados para um sector apenas da sociedade, e não necessariamente às pessoas mais pobres³⁶⁻³⁷, podendo criar conflitos graves no seio das comunidades.

Enquanto o comércio de tartarugas marinhas e seus produtos ainda representar uma fonte de rendimento acessível, atraente e lucrativa, e os benefícios do turismo não serem evidentes e bem distribuídos entre as comunidades que dependem desse recurso, a captura continuará. Embora as medidas legais e regulamentares exerçam uma influência importante sobre a partici-

pação do povo na captura de tartaruga e o seu comércio, assim como a sensibilização realizada pelas ONGs, a aplicação da lei, e a falta de acesso a rendimentos alternativos das comunidades locais limitará, ultimamente, a participação das comunidades nas ações de conservação³⁸.

Conclusão

O sucesso de conservação de um sistema social-ecológico está subordinado à consideração de componentes ecológicos e sociais, buscando não só a saúde ambiental, mas também o bem-estar humano. Ao equilibrar estes diferentes componentes, o uso das tartarugas marinhas será mais sustentável e ao mesmo tempo, a vida daqueles que são dependente destas será melhorada.

É evidente que o turismo per se não é necessariamente a solução para a problemática de conservação das tartarugas marinhas nos países lusófonos. Invariavelmente, o turismo gera impactos sociais e culturais com efeitos sobre a qualidade de vida dos turistas e das comunidades de acolhimento e pode incluir a promoção de mudanças a longo prazo nos valores,

35 OPPERMAN, M. & CHON K.S. (1997): *Tourism in Developing Countries*. International Thomson Business Press, 177 pp.

36 Idem

37 ASHLEY, C., ROE, D. & GOODWIN, H. (2001): "Pro-Poor Tourism Strategies: Making Tourism Work for the Poor". London: Overseas Development Institute.

38 HANCOCK, J.M. (2011): "Drivers to the illegal trade of sea turtle products in Cape Verde – Are we taking the right approach?" M.Sc. Thesis. Centre for Ecology and Evolution, University of Exeter, United Kingdom

crenças e práticas de uma comunidade³⁹ (Foto 5). Estes impactos vão depender do modo como o turismo é promovido e gerido, especialmente no que respeita ao grau de interação entre o turista, os recursos, e as comunidades. Uma aposta exclusiva no turismo de sol e praia pode revelar-se insustentável, desadequada à capacidade de carga local. Por outro lado, há ainda um grande potencial por explorar, sobretudo no que respeita à geração de rendimentos locais, participação comunitária, coesão social, promoção do património cultural e ambiental⁴⁰. Apesar da definição do turismo como opção estratégica nacional, em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, há indicadores que evidenciam a necessidade de políticas e práticas mais concertadas e transversais, bem como a necessidade de ter em atenção a participação comunitária e a sustentabilidade destes processos.

No caso específico das tartarugas marinhas, são importantes os esforços no sentido de procurar e desenvolver alternativas de aquisição de rendimento que permitam melhorar as condições de vida e de trabalho, tendo neste caso das tartarugas marinhas, o turismo solidário, assim como o turismo comunitário, surgindo como excelentes oportunidades, com resultados evidenciados⁴¹. Mas quando ou



Foto 5: Duas professoras, já sensibilizadas, mostram com alegria tartarugas recém nascidas numa praia na ilha da Boavista, em Cabo Verde. O envolvimento dos membros das comunidades locais nas ações de conservação e sensibilização são essenciais ao sucesso dos programas de conservação. (Foto Joana Hancock)

enquanto o uso de não consumo destes animais (por exemplo, o turtle watching ou o turismo solidário) não é uma opção viável, é crucial a pesquisa participativa de fontes alternativas de rendimento, em que os vários atores estejam presentes e em sintonia (membros da comunidade, ONGs, entidades públicas e estatais, assim como autoridades), para evitar conflitos com os objetivos de conservação e promover a sustentabilidade do recurso a médio e a longo prazo.

39 BRUNT, P. AND COURTNEY, P. (1999): "Host perceptions of sociocultural impacts", em *Annals of Tourism Research*, (26), 493-515.

40 Idem

41 MARQUES, J. (2009): "Para além da fi-

lantropia: contributos do Turismo Solidário para o Desenvolvimento Comunitário. Uma análise comparada Cabo Verde - São Tomé e Príncipe". Dissertação de Mestrado. ISCTE-IUL, Departamento de Economia, Lisboa, Portugal.